

## Rumo a Leningrado<sup>1</sup>

Robert A. Rosenstone<sup>2</sup>

*Leningrado, Segunda classe.*

Eu estou diante do *guichet* de passagens da estação rodoviária de Helsinque. *Não existem classes na União Soviética*, responde a mulher por trás da janela. Ela parece falar inglês com um sotaque russo. *O senhor quer assentos rígidos ou assentos macios?*

Eu poderia jurar que ela acrescenta, *Tovarisch! Camarada!*

Mas... como pode ser isso? Esta é a Finlândia capitalista. Eu ainda não estou na Rússia.

*Eu vou ficar com a segunda classe.*

*Assentos rígidos ou assentos macios? Sua voz soa impaciente.*

*Qual é a diferença?*

*Assentos rígidos são rígidos, camarada, e assentos macios são macios.*

É romântico isso de viajar pela segunda classe quando você pode facilmente ir pela primeira. Mas eu estou escrevendo um livro sobre John Reed e a Revolução Russa, um evento que induz de *per si* (ou assim parece) a gestos românticos. Minha intenção é viajar de trem desde Helsinque até a estação Finlândia, seguindo o mesmo caminho percorrido por Lênin quando ele retornou à Rússia em 1917. O mesmo caminho de todos os outros exilados que retornaram de várias partes da Europa e da América para fazer a revolução. O mesmo caminho que John Reed percorreu em setembro de 1917. Eu não quero fazê-lo na suntuosidade das classes dominantes mas como os trabalhadores. As pessoas que fizeram a revolução. As pessoas em nome de quem foi feita a revolução. Teria Lênin viajado de primeira classe – ou em assentos macios? E Reed?

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês por Gabriel Lopes Pontes e revisado por Hilda Machado.

<sup>2</sup> Professor catedrático de História do Califórnia Institute of Technology, autor de diversos livros e artigos, muitos dos quais sobre a relação cinema-história.



Sem dúvida. Mas só me dou conta disso mais tarde. Agora eu digo *assentos rígidos*, pego minhas passagens e caminho com meu companheiro em direção de uma plataforma apinhada de russos, homens e mulheres corpulentos e de faces rosadas, em macacões de zuate mal ajambrados, pacotes de comida e roupas das lojas de departamentos de Helsinque atulhando seus braços, enquanto escalam desajeitadamente as gigantescas portas de metal verde-escuro em direção aos carros-salões de assentos macios que parecem datar de antes da revolução. Eu pergunto a um guarda de plataforma pelos assentos rígidos e ele acena em direção ao último vagão do trem, o único construído com pranchas de madeira como um vagão de carga. Montes de madeira do lado de dentro, também: madeira de lei, particularmente os bancos, aparentemente inspirados nas arquibancadas do estádio de futebol americano de alguma escola de segundo grau dos Estados Unidos. E – impressionante – não dá pra acreditar, mas o carro está cheio de estudantes americanos exuberantes, escovados, das primeiras séries de uma escola de Kenosha, Wisconsin, num passeio de verão pelo campo. Eles batem palmas ritmicamente, cantando em uníssono uma canção escolar: *Em frente, leões, em frente, leões, marchem direto para aquele campo lá embaixo, com nossas bandeiras tremulando ao vento como sinal de que não desistiremos.*

O único banco livre, o que está mais próximo da porta, é o nosso. Um russo solitário senta-se atravessado no caminho, um homem magro, de meia-idade e um olhar prudente de alguém que parece estar fugindo do vigilante de um hospício. Minha aparência, vestindo jeans Levi's e sandálias artesanais, cabelo caindo pelos ombros e o rosto coberto por uma enorme barba de patriarca de igreja, não contribui em nada para restituir-lhe a serenidade. De dentro de uma sacola, ele tira uma garrafa de vodka, toma um longo gole, guarda-a de novo, imediatamente tira-a para outro trago. Antes que o trem tenha sacolejado para fora dos subúrbios industriais de Helsinque, ele se levanta de um salto e sai como um flecha através da porta, rumo ao próximo carro.

Nós estamos a quarenta e cinco minutos de distância da fronteira.

*Assentos rígidos*, um belo eufemismo, que omite que o vagão foi construído sem amortecedores. Em vão, eu tento prestar atenção nos impecáveis campos



verdes, nas estações geometricamente construídas em pinho e nas casas de campo imaculadas da Finlândia. Inútil. A canção dos garotos está alta demais, os garotos turbulentos demais, o balanço, a chacoalhar e as guinadas são demais para meu pobre corpo. Se Lênin tivesse viajado em assentos rígidos teria chegado cansado demais para pronunciar as Teses de Abril e teria deixado a revolução seguir seu curso sozinha.

Na plataforma da última estação da Finlândia, eu barganho com um condutor russo, fazendo com os dedos os números de rublos.

Dois. Ele balança a cabeça: *Nyet*. Cinco. Ele sorri: *Da*.

Nós subimos num vagão que teria deixado o tzar feliz. Enormes compartimentos individuais de veludo verde e cortinas. Imitações de lâmpadas Tiffany. Assentos macios acolchoados! Agora eu entendi nossa motivação principal: *Nós fizemos uma revolução, camarada, para que todo mundo pudesse ter assentos macios.*

Na fronteira, o trem emerge de dentro dos bosques e faz uma parada num vasto prado. Eu estico minha cabeça para fora da janela. Soldados de aspecto aterrador portando submetralhadoras perambulam ao longo dos trilhos. Um deles grita, gesticula imperiosamente. Eles estão sérios. Eu ponho minha cabeça para dentro do vagão.

Tão sérios quanto ele a dupla de agentes de fronteira, de bonés pontiagudos que entram no compartimento, checam nossos passaportes, olham para nós, olham novamente como se tentassem ver segredos escondidos em nossas fotos. Eles vasculham as mochilas, e então, triunfalmente, trazem a luz o exemplar de meu companheiro de viagem, *Sexus* de Henry Miller, claramente o tipo de livro errado neste país.

*Henry Miller* é o que eu acho que um dos guardas diz para o outro, num sotaque carregado pronunciando as palavras lenta e cuidadosamente, como se elas pudessem explodir. Eles trocam olhares, então examinam o livro página por página – será que estão procurando figuras? – antes de devolvê-lo.



Nosso primeiro sorriso soviético provém de uma inspetora agrícola jovem, gordinha e de faces coradas que pergunta: *Vocês têm alguma comida?* O inglês dela não é mau.

*Não.*

*Nenhuma fruta?*

Maçãs. Três grandes, suculentas maçãs vermelhas de Helsinque. Eu as retiro de minha sacola a tiracolo.

*Elas não podem entrar no país.*

Olhamos um para o outro.

*Não desperdicem frutas tão boas, comam-nas agora.*

Nós acabamos de tomar o café-da-manhã. Estamos sem fome.

*Pegue-as.*

Ela balança a cabeça. Nós propomos um acordo. Cada um de nós vai comer uma maçã agora mesmo se ela também o fizer. Nós três caímos de dente nas maçãs. Sorrimos. *Belo clima*, eu digo, querendo mudar de assunto mas sem saber como começar. Os três mastigam as maçãs.

O trem se desloca para o interior da União Soviética.

*A União Soviética!*

Este nome não pode nunca soar neutro. Está cheio de sugestões e significados ocultos. Aquelas florestas de pinheiro escuras debaixo do céu enevoado – elas devem ser diferentes das florestas de pinheiro americanas. Mas como? Há coisas escondidas aqui, as paisagens cheias de atos secretos de liberação e sangue. Aquele carro solitário correndo pela auto-estrada estreita, a luz de seus faróis contra o crepúsculo – um correio a caminho de um *rendez-vous*? Um oficial do partido partindo para um fim-de-semana de libertinagem numa *dacha* secreta? Quem senão um *apparatchik* possuiria um carro particular nessa terra do coletivo?

Vyborg. Nossa primeira parada russa, a plataforma onde, em 1917, os revolucionários se aglomeraram para saudar os que retornavam e os esperançosos: Lênin com um boné de pelica; Trotsky espreitando através de óculos espessos; John Reed, com o rosto cheio do assombro e do deslumbramento do Novo Mundo, comportado, à luz bruxuleante das tochas, com um mundo de lama e sangue:



soldados, camponeses, operários, funcionários de casacos longos e raspados, apoiando-se em rifles ou muletas. Com bandagens na cabeça, braços em tipóias, calças presas por alfinetes à altura dos joelhos de onde não mais existem pernas que toquem o solo. Dedos crispados, contorcidos, cumprimentam. Nós deixamos o *front*, nós derrubamos o Czar, e continuamos gelados e famintos.

Em 1972 isto ainda era um choque, um universo inimaginável, diferente, logo, do outro lado da fronteira. Os dias de 1917 permanecem vivos nos edifícios descascados da estação desbotada, nas ruas enlameadas da cidade onde tudo parece congelado, imóvel. Um mundo cinza de uma pintura velha. Não vemos cor nenhuma, nenhum letreiro nas marquises, mas um mundo de gente vestida de roupas velhas. Nem um único sorriso, nenhum rosto agradável de ver. Agora eles começam a se mover, mas em câmera lenta: homens na plataforma com bagagens, trabalhadores descarregando carretas, condutores levando apitos à boca, mulheres velhas em *babushkas* com vassourões – a linguagem corporal pergunta: Onde está a revolução que fizemos, camarada? O que aconteceu com o mundo novo prometido?

Lá vamos nós novamente, em direção a sombras do passado. Será que eles – Lênin, Reed, todos os outros – viram estas árvores, fixaram esta curva de rio, ou este campo e pensaram ser este um campo russo trabalhado pelas charruas de madeira dos *mujiks* por mil anos? Provavelmente não. Quando eles retornaram era inverno, os campos estavam totalmente congelados, suas luvas cheias de barro. Eles não tinham tempo para o passado; apenas o futuro contava – comícios para organizar, discursos a redigir, frases russas para aprender no dicionário gasto comprado num sebo da Rua Bleecker.

Estações ferroviárias enormes, desvios, depósitos negros, vagões-de-carga e motores abandonados sinalizam a aproximação de uma cidade: Leningrado, antes Petrogrado. Lênin ajusta seu boné de trabalhador, sai do seu compartimento e desce em direção à multidão que ovaciona afetuosa. Trotsky aperta-lhe a mão, Karl Radek sorri, Gregori Zinoviev bate em suas costas. Gritos e vivas abafam toda a conversa à medida que o estreito círculo de amigos acotovela-se ao longo da plataforma, através das salas-de-espera até a estação de madeira diante da Estação



Finlândia. Bandeiras rubras tremulam na brisa, uma banda de metais toca alguma coisa que ele não ouve direito, certamente *A Internacional*. Mãos ásperas empurram-no escada acima. Da plataforma, ele olha em direção às massas, ergue sua mão direita, respira fundo, perfura o ar com seu dedo indicador, e começa: *Camaradas*.

Em 1972, a plataforma permanece aglomerada. Eu hesito na porta do vagão até que, alguém com uma mala volumosa me empurra degraus abaixo. Um homem pequeno e suado se esgueira entre as pessoas, fala meu nome, segue-se uma palavra, que sou capaz de reconhecer, *Intourist*. Ele nos apressa para sairmos dali. Parece que estamos em tempo de guerra – a cidade deve estar sob ataque, os bombardeiros estrangeiros logo acima, os refugiados esperando para escapar para a segurança. O que mais poderia importar para essas multidões a nossa volta? Milhares de pessoas na caverna grande e escura da estação, sob luz baça que desmaia em círculos indistintos da lâmpada ocasional pendurada pelo fio a um teto invisível. Famílias inteiras sentadas atarracando-se no chão de ladrilhos, em trouxas e malas amarradas com cordas, – mães, pais, bebês em berços improvisados, avós – silenciosas, pacientes, fumando cigarros, fazendo chá em latinhas de Stemo, os olhos fixos na escuridão, esperando, esperando.

Eu quero perguntar o que está acontecendo. Eu quero ver o ponto exato de onde Lênin falou para a turba, colocando os bolcheviques a caminho do poder. Mas o guia diante de nós avança por entre a multidão sem olhar para trás. Empurra-nos através das intermináveis salas-de-espera para um carro do lado de fora da estação. O motorista liga o motor e depois de engatar a marcha, ronca para longe da confusão. Nós avançamos por *boulevares* vazios, ao longo de ruas desertas, passamos diante das fachadas descaracterizadas de intermináveis edifícios de pedra escura. É uma cidade-fantasma. Não há pedestres, nenhum letreiro de loja, nenhum restaurante ou bar, nenhum néon, nenhuma vida nas ruas, nada senão uma ocasional lâmpada pálida numa esquina vazia. Eu grito para o motorista: *Para onde estamos indo, para que hotel?* Ele não responde. Eu grito mais alto. O medo toca meu coração. Estamos num carro sem placa numa cidade estranha numa terra inimiga. Eles sabem que eu tenho parentes no Canadá que deixaram o Partido



Comunista, parentes em Moscou que continuam membros. Eles pensam que eu sei segredos. Eles têm maneiras de me fazer falar.

O carro canta os pneus ao parar em frente ao saguão de entrada de um grande e bem-iluminado prédio de vidro e concreto em frente a um rio. Hotel Leningrado. O *lobby* é amplo, quase vazio. Meus passos ecoam, palavras gritadas das mesas-de-escrever dos recepcionistas para os carregadores, homens idosos curvados sob o peso das nossas malas. Apenas um dos quatro elevadores funciona. O quarto no sexto andar é exíguo, funcional: beliches presos às paredes, colchonetes de espuma, uma pia reluzente de porcelana no banheiro, mas não há água quente. A vista é magnífica. Exatamente em frente dali, o cruzador Aurora, cujos disparos assinalaram o assalto ao Palácio de Inverno, permanece ancorado antes das instalações dos prédios azuis do Colégio Naval. À esquerda posso ver o rio Neva, as pontes, as torres espiraladas da Fortaleza de Pedro e Paulo. À distância brilha o verde do Palácio de Inverno.

Algumas pessoas lutaram para fazer uma revolução. As lutas de outros têm objetivos mais modestos: conseguir uma refeição, por exemplo. São nove horas. Não comemos nada desde que devoramos as maçãs e, antes disso, tomamos café-da-manhã em Helsinque. A sala-de-jantar é larga, circular e a maioria das mesas está vazia. Dois vitrôs altíssimos voltados para o rio estão abertos, sobre um estrado uma banda de dez integrantes toca música da era do *swing*, o baterista golpeando seu instrumento com a regularidade de um metrônomo. Casais estão na pista de dança, homens em jaquetas esporte ou terno, mulheres em vestidos de verão, sapatos de salto-alto brancos, com flores nos cabelos. Nós dois permanecemos atrás de uma corda de veludo, presa a duas hastes de metal e esperamos pelo *maître*. Um cliente fica com pena, levanta-se da mesa, gesticula, grita em russo, aproxima-se, pega-nos ambos pelo braço, damos a volta ao cordão de veludo e nos conduz a uma mesa vazia.

*Spaziba*. Eu esgotara meu vocabulário russo.

*Pazhalsta*. Ele sorri e eu farejo a vodka em seu hálito antes que ele retorne para os seus companheiros.



Escutamos a música. Distribuímos sorrisos em volta do salão. Observamos os casais na pista de dança. Tentamos sorrir um para o outro. Nós nos surpreendemos com as mesas vazias onde estão jantares completos – sopa, saladas, pratos de galinha – aparentemente esperando por fregueses. Homens furtivos em paletós escuros que parecem ser garçons escondem-se nos recônditos do salão. Ocasionalmente um deles vem em nossa direção, mas passa veloz por nossa mesa sem tomar conhecimento de minha mão erguida ou dos meus grunhidos desesperados em inglês. Quarenta e dois minutos depois de termos nos sentado, um garçom chega com menus. Ele coloca na mesa, um pires contendo quatro azeitonas, um punhadinho de caviar e fatias finas de torrada.

*Vodka?* É isto que ele diz?

*Da.* Eu acrescento: água também. Ele empalidece. *Wasser. De l'eau. Água.* Ele permanece pálido. Eu faço mímica, como se bebesse um copo de água. Ele coça a cabeça e se vai. Cinco minutos depois ele retorna com uma garrafa de vodka, uma de água e dois copos sem pé. Nós devoramos o caviar. Bebemos vodka. Estudamos o menu – dois pés de altura e escrito em inglês, francês e russo, literalmente o maior menu que eu jamais vi. O número, a variedade de pratos era assombrosa – cozidos e *goulashes* da Europa Oriental, assados de cordeiro, vaca, vitela, cervo; bifés, tortas de carne, hambúrgueres e lingüiças, galinha à moda de Kiev ou assada, frita, grelhada ou cozida a fogo lento; perdiz e pombo, coelho e lebre; peixes e criaturas do mar; saladas de enguia, oito tipos de batatas, seis pratos de queijo e, sobremesa, tortas de framboesa, *baklavas*, bolos de chocolate, baunilha, rum e castanha, sorvetes de sete sabores, pratos de frutas: amoras, pêras, maçãs, melões. Ler a lista inteira é exaustivo, escolher difícil, mas eventualmente eu decido por algo simples e nativo: strogonoff de carne e uma salada de verão.

O caviar se foi. O garçom também. Uma hora e trinta e sete minutos depois de termos nos sentado (e trinta e oito depois da sua última aparição) ele retorna para ficar acima de nós, o lápis pousado sobre um bloquinho. Eu aponto para o strogonoff no menu.

*Nyet.*

*Nyet?*



*Nyet.*

O *goulash*? *Nyet.* Galinha a Kiev? *Nyet.* Eu encolho os ombros. Ele também. Lingüiça? *Nyet.* Eu dou de ombros de novo, abro minhas mãos numa pergunta. Ele aponta para hambúrguer. Agora é minha vez de dizer *Nyet.* Ele dá de ombros, gira os olhos para o teto. Hambúrguer? Ele diz: *da.* Eu aponto as batatas. Ele aponta para fritas. Eu aponto para salada de verão. *Nyet.* Pratos de queijo? *Nyet.* Torta de framboesa? *Nyet.* Bolo de rum? *Nyet.* Ele aponta para pêras. Eu dou de ombros. Pêras? *Da, da.* Ele concorda com a cabeça e vai embora.

A vodka desaparece lentamente. Também desaparece nossa sanidade. Um pouco depois das dez, uma imensa turma de turistas europeus chega e começa a devorar os pratos de galinha, gelados e levemente empoeirados, que permaneceram nas mesas por pelo menos três horas. Agora o restaurante está cheio, a maioria das mesas apinhada de pessoas que engolem copos de vodka, riem e cantam alto. As dez e trinta e cinco o garçom coloca diante de nós outra garrafa de vodka, uma cestinha de pão e dois pratos, cada um contendo um pequeno bife cinzento nadando em gordura e batatas fritas que parecem ter sido preparadas três horas – ou três dias – atrás. Nada de hambúrgueres. Nada de pêras. Quando eu olho em volta, o garçom já tinha ido. Para o inferno com tudo! A esta altura a vodka já tinha atuado. Em Roma como o que você conseguir arranjar.

Pagar pela refeição não é mais fácil do que pedi-la. Gestos, grunhidos, acenos com ambas as mãos, gritos em inglês e francês – nada funciona para trazer o garçom de volta. Ok. Talvez isto não seja necessário. Eu tenho um talão de cupons para refeições – aceitável em qualquer restaurante para turistas no país. Um cupom uma refeição, ou, pelo menos, é isto que eles dizem. É hora de ação direta: eu deixo dois cupons sobre a mesa, me levanto, caminho ostensivamente através do salão, em volta da corda de veludo, e, antes mesmo que nós dois ultrapássemos a porta em direção ao *lobby*, o garçom surge a nossa frente, sorrindo:

*Da.* Ele sacode a cabeça. *Da.*

Eu ergo dois dedos e digo, imitando a língua russa o melhor que posso: Dois *Kouponie.*

*Vodka.* Ele responde com dois dedos. *Vodka.*



Eu lhe entrego uma nota de vinte rublos, cem dólares no câmbio oficial, taxa que, como nosso agente de viagem, um colega que está se especializando em Europa Oriental, dois membros do Departamento de Estado e um conselheiro da embaixada soviética me preveniram, é o único câmbio no qual eu levaria alguma vantagem. O conselho deles era unânime e firme. Não vendam suas calças Levi's, carreguem esferográficas para dar de presente. Não comprem dinheiro em câmbio não-oficiais nas ruas, a menos que vocês queiram confusão com a KGB – eles são os únicos que o vendem.

*Troco*, eu disse esperançosamente.

*Da, da*. Ele sorri e desaparece por entre as portas de vai-e-vem cozinha adentro. Cinco minutos se vão. Dez minutos. Ele não volta por entre as portas. Ele não está no salão. Ele desapareceu. Eu chamo outros garçons sem sucesso algum. Agarro um pelo braço.

*Meu garçon*. Há paixão na minha voz, ou seria histeria? *Onde está meu garçom?* Ele tenta escapar mas eu seguro firme. Pessoas em volta começam a se dar conta de que alguma coisa incomum está acontecendo. Elas arregalam os olhos, apontam, comentam. O garçom debate-se e fala acaloradamente em russo. Outros garçons aproximam-se, gesticulam com raiva. Eu o deixo ir e me dirijo à cozinha, anunciando em voz alta – como se alguém fosse entender – *meu dinheiro!* Eu pareço um capitalista, um americano feio, um traficante de armas imperialista. Mas ele tem em mãos mais de cinqüenta mangos. É demais para uma gorjeta. *Meu dinheiro! Eu quero meu dinheiro!*

Eu tropejo através das portas de vai-e-vem. Os chefes parecem perplexos e recuam. O garçom tampouco está aqui, então eu continuo indo através da cozinha e para o hall além, onde eu começo a escancarar portas – que dão para uma despensa, uma copa, um corredor, uma escadaria, um estacionamento, uma adega, um sanitário: e aí esta ele: sentado na latrina, fumando um cigarro e lendo um jornal. Ele olha para cima, sorri e, sem se levantar, saca um maço de notas amassadas.

*Seu troco, camarada*. É isso que as palavras russas significam?

Na manhã seguinte, não me sinto bem – a cabeça latejando e a língua seca. Vodka demais. É hora de um café bem forte. Ao entrar na sala de café-da-manhã



entre o sexto e o quinto andares, eu sorrio ao ver um balcão dominado pelo lampejo prateado do último modelo de uma máquina de café expresso italiano.

A imperturbável mulher corada por trás do balcão, cabeça coberta com uma *babushka*, enche um jarrinho com água, coloca-o debaixo do esguicho, na máquina expresso e abre a válvula até que o maravilhoso som da fumaça pressurizada tome a sala. Então ela balança um pote de café instantâneo, coloca algumas colheres na caneca, verte a água fervente do jarrinho por cima, e esparrama sobre isto tudo uma boa dose de leite condensado de uma lata.

Neste preciso momento eu compreendo porque os soviéticos perderam a corrida espacial para a lua e porque eles nunca vencerão a Guerra Fria.

